

O Que é Preciso Ler Para Entender o Rádio e Compreender o Radialismo¹

Goretti Maria Sampaio de FREITAS²

Antonio Roberto Faustino da COSTA³

Luiz Custódio da SILVA⁴

Moacir Barbosa de SOUSA⁵

Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

* Artigo comemorativo ao cinquentenário da estreia da radialista Zita de Andrade Lima como pesquisadora pioneira do rádio.

Resumo

No Brasil, particularmente, é imprescindível ler Zita de Andrade Lima para compreender o rádio e o radialismo. Este trabalho busca entender e ressaltar o lugar de Zita de Andrade Lima na historiografia brasileira sobre rádio; o pioneirismo de sua concepção a respeito da temática rádio e desenvolvimento local; a sua preocupação exemplar no que tange à formação do profissional de rádio, e a atualidade do pensamento da autora manifestada através dos estudos e pesquisas envolvendo o rádio no Brasil. O objetivo é ressaltar seu legado para o rádio regional e nacional, seja do ponto de vista acadêmico e de mercado, seja sob a perspectiva profissional e social.

Palavras-chave: rádio; desenvolvimento local; pesquisas; Zita de Andrade Lima.

Palavras Iniciais

O texto aqui apresentado é fruto de reflexões de quatro pesquisadores envolvidos, sobretudo com o papel do rádio na sociedade contemporânea. A pesquisa privilegia os preceitos teóricos defendidos pela jornalista pernambucana Maria Zita de Andrade, também professora de radiojornalismo, tentando compreender como o rádio na atualidade se estrutura na perspectiva de um meio que vem contribuindo eficazmente para o processo do desenvolvimento regional. A estrutura textual deste estudo contempla um conjunto de argumentos que se interconectam a partir de uma contextualização que visam elucidar a problemática compreendendo os traços culturais do rádio.

¹ Trabalho apresentado no DT 4 Comunicação Audiovisual - GP Rádio e Mídia Sonora, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora do Departamento de Comunicação Social da UEPB, gmscg@uol.com.br

³ Professor do Departamento de Comunicação Social da UEPB, robertofaustino@gmail.com

⁴ Professor do Departamento de Comunicação Social da UEPB, custodiocjp@uol.com.br

⁵ Professor do Departamento de Comunicação Social da UFRN, mboassu@hotmail.com.br

Discutir a relação do rádio na sociedade hodierna exige posturas metodológicas decorrentes das seguintes indagações: Como os preceitos de Zita de Andrade sobre o rádio e desenvolvimento local são postos em prática atualmente? Tomando como base o pensamento complexo, a capacitação técnica e a performance comunicativa, qual a visão de mercado do radialista? Como estão sendo direcionadas as pesquisas sobre rádio? Diante da complexidade apresentada pela temática, organizamos nossa discussão a partir de um corpo de aspectos.

Bases Históricas do Rádio

Durante muito tempo, as pesquisas sobre o rádio esbarraram ora na dificuldade de obtenção de referências bibliográficas, ora na insuficiência de dados empíricos coletados, carecendo, portanto, de estudos mais completos que conduzissem ao entendimento da evolução histórico-cultural e dos papéis político-sociais que o veículo desempenhou na sociedade brasileira. A década de 1980 foi pródiga no crescimento das concessões de emissoras de radiodifusão, porém continuaram

[...] escassas as pesquisas, os estudos, as análises, os debates sérios sobre o fenômeno radiofônico. E menor ainda é a quantidade de contribuições práticas visando a melhorar o conteúdo da programação de nossas emissoras e a propor novas alternativas para este meio de comunicação poderoso e mal-aproveitado (ORTRIWANO, 1985, p. 09).

No mandato de Epitácio Pessoa na Presidência da República, as comemorações do centenário da Independência do Brasil foram marcadas pela realização de uma grande Exposição Internacional. Na ocasião, visitaram o Brasil o presidente da República Portuguesa Antônio José de Almeida, os reis da Bélgica e o rei da Suécia. Na programação destacaram-se as experiências de transmissão radiofônica. O sistema de transmissão chamou-se na época de Telephone-Alto-falante.

A Western Electric havia instalado uma estação provisória no local da exposição e posteriormente uma estação transmissora na Praia Vermelha. Por sua vez, a Westinghouse mandou ao Brasil o engenheiro N.H.Slaughter que comandou a montagem de outra estação, a Rádio Corcovado. Apenas 80 pessoas receberam aparelhos receptores como empréstimo para acompanhar a pioneira transmissão. Renato Murce afirma que:

O povo que se juntava na exposição do Centenário, uma multidão incalculável, era pior do que São Tomé: estava vendo, ouvindo e não acreditando. Como é que um aparelhinho pequenino, lá longe, sem nada, sem fio, sem coisa nenhuma, podia ser ouvido à distância? [...] E os que

ouviram, ouviram O Guarani, de Carlos Gomes, irradiado diretamente do Teatro Municipal. Esta foi a primeira experiência de rádio no Brasil. (Depoimento ao programa Pioneiros e Desbravadores, série O Rádio no Brasil. Collector's, 1988).

Equipamentos precários resultaram numa transmissão de som metálico, distorcido e sem qualidade, que provocou a seguinte reação em Roquette Pinto:

A verdade, é que durante a Exposição do Centenário da Independência, em 1922, muito pouca gente se interessou pelas demonstrações experimentais de Radiotelefonía então realizadas pelas companhias norte-americanas Westinghouse, na Estação do Corcovado, e Western Electric, na Praia Vermelha. Muito pouca gente se interessou. A causa principal desse desinteresse foram os alto-falantes instalados na Exposição. Ouvindo discursos e músicas reproduzidos em meio a um barulho infernal, tudo roufenho, distorcido, arranhando os ouvidos. Era uma curiosidade sem maiores consequências. (Depoimento ao programa Pioneiros e Desbravadores, série O Rádio no Brasil. Collector's, 1988).

Em 20 de abril de 1923, se instala no Rio de Janeiro a Rádio Sociedade⁶, criada por Roquette Pinto e Henry Morize, tendo como proposta educar através do rádio, embora ainda de forma incipiente. A programação transmitia óperas, e a preocupação com palavras e textos rebuscados marcou os primórdios do veículo no Brasil. A publicidade foi permitida por meio do Decreto n.º 21.111, de 1º de março de 1932, que regulamentou o Decreto n.º 20.047, de maio de 1931.

A partir da década de 1930, havia uma séria preocupação com o novo veículo, definido como “serviço de interesse nacional e de finalidade educativa”. O Decreto 21.111, que autorizava a veiculação de propaganda pelo rádio, limitou sua manifestação, inicialmente, a 10% da programação. Profissionalizando-se, descobriu-se que eram necessários a melhoria dos equipamentos utilizados e granjear popularidade. Para atingir a segunda meta, foi trocada a programação voltada para a elite por outra mais popular.

Muitas rádios, no entanto, mantiveram na sua grade programas culturais, educativos e eruditos. Ao se introduzir mensagens comerciais, o que era erudito, educativo, ou cultural transforma-se em popular, voltado ao lazer e à diversão. Isto se devia à preocupação com o popular para alcançar um público maior. Os empresários perceberam que o rádio era muito mais eficiente do que o meio impresso, principalmente devido ao grande número de analfabetos que viviam no Brasil. Era necessário que a linguagem se tornasse a mais coloquial possível.

⁶ Treze anos depois, seria rebatizada como Rádio Ministério da Educação, hoje, Rádio Mec.

Com o tempo os locutores foram levando esta linguagem para o rádio brasileiro, aproximando-o ainda mais do público. A mudança estava ligada a uma necessidade de venda dos produtos dos patrocinadores. A introdução dos *reclames* na programação radiofônica foi muito importante para o rádio se transformar no que é hoje: um dos veículos mais populares do mundo.

Rádio no Nordeste de Zita de Andrade Lima

Há anos, o professor Luiz Maranhão Filho, da Universidade Federal de Pernambuco, com a experiência de quem teve o pai e os irmãos participando das transmissões radiofônicas na época, vem se debruçando e pesquisando documentos, registros históricos e outras raridades para comprovar o pioneirismo da⁷ Rádio Clube de Pernambuco, nascida em Recife a 6 de abril de 1919, comprovando, assim, a vanguarda pernambucana na radiodifusão. Nesse afã, aquele pesquisador contaminou novas gerações de estudiosos, professores e profissionais o que contribuiu para o esclarecimento da verdade sobre como o rádio surgiu no Brasil. Luiz Carlos Saroldi, no entanto, contesta o pioneirismo pernambucano:

Quanto à primeira emissora a ser fundada entre nós, mencione-se também a reivindicação do título de pioneira para o Rádio Clube de Pernambuco, que tem um registro datado de quatro anos antes da Rádio de Roquette Pinto, 6 de abril de 1919. Acontece, porém, que as experiências de transmissão dos jovens pernambucanos foram feitas, mas se tratavam ainda de pesquisa de recepção radiotelefônica, e não radiofônica, embora a partir de fins de 1922, os rapazes de Pernambuco viessem a conseguir transformar um transmissor radiotelegráfico em transmissor radiofônico. No fundo, Roquette Pinto tem a primazia de ter fundado e posto para funcionar a primeira emissora, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. (Depoimento ao programa Pioneiros e Desbravadores, série O Rádio no Brasil. Collector's, 1988).

Walter Sampaio⁸, na sua obra clássica dos estudos de rádio, apoia a posição dos pernambucanos ao afirmar que "Isso [o surgimento do rádio no Brasil] ocorreu exatamente no dia 6 de abril de 1919, no Recife, quando foi fundada a Rádio Clube de Pernambuco."

Nos primórdios do veículo, a programação musical era feita através de doações ou empréstimos de discos às rádios, que eram fundadas em clubes ou sociedades, ambas formadas por pessoas com boas somas de dinheiro capazes de pagar mensalidades necessárias para o sustento das rádios. Através desse recurso, com doações em dinheiro ou pagamento de mensalidades, elas conseguiam se manter. Para captar as transmissões eram necessários os

⁷ Alguns escrevem "o Rádio Clube"; outros preferem "a Rádio Clube".

⁸ Teoria e Prática do Jornalismo no Rádio, na TV e no Cinema. Petrópolis: Vozes, 1971.

aparelhos receptores, todos importados e, portanto, muito caros, o que fazia com que a programação se voltasse para as elites, ou seja, para quem pudesse pagar as contas do rádio.

Na década de 20, a programação da Rádio Clube de Pernambuco era apenas música, com transmissões esporádicas e sem hora certa. Como acontecia com as demais emissoras que surgiam, a Rádio Clube transmitia música clássica, óperas, palestras e declamações de poesias. Há registros de notícias da época, documentos oficiais e depoimentos nos arquivos públicos do Estado de Pernambuco. No ano dedicado à radiodifusão, 1983, emissoras de rádio e televisão, jornais e revistas não destacaram a importância histórica do pioneirismo pernambucano, preferido festejar os 60 anos do rádio; pouquíssimas referências foram feitas aos 64 anos da Rádio Clube.

Os estudos e pesquisas históricas sobre o rádio são relativamente novos. Em depoimentos aos jornais cariocas, radialistas veteranos confirmaram a primazia da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. A ausência de pesquisas mais aprofundadas transformou o fato em verdade, porém, o próprio Roquette Pinto reconheceu o pioneirismo da Rádio Clube. Abílio Leôncio de Castro, segundo o professor Maranhão Filho, teria sido o primeiro locutor profissional do rádio brasileiro (e sul-americano) e Maria Luiza de Albuquerque Maranhão a primeira locutora, ambos oriundos da Rádio Clube de Pernambuco. Abílio de Castro criou a expressão *speaker* que durante muito tempo denominou aqueles que ocupavam os microfones das estações de rádio, depois de uma polêmica na imprensa pernambucana com alguns que desejavam o termo “falador Maranhão Filho afirma ainda que os primeiros microfones utilizados nesta fase pioneira eram feitos em latas de goiabada marca Peixe, a partir de esquemas técnicos obtidos em revistas especializadas trazidas do exterior.

Com o decorrer dos anos, a Rádio Clube de Pernambuco amadureceu e profissionalizou-se com a entrada do investimento publicitário. Outro fator ajudou no desenvolvimento da radiofonia: o cinema aprendeu a falar, e com isso, muitos músicos que tocavam nas sessões dos cineteatros da época do cinema mudo ficaram desempregados e foram tocar nos programas de auditório⁹. Quando eclodiu a II Guerra Mundial, os artistas de teatro tiveram dificuldades para viajar. Músicos e artistas desempregados, então, acharam no novo meio de comunicação um espaço para desenvolver-se profissionalmente. Ao término do conflito mundial, os Diários Associados adquiriram a Rádio Clube, o que injetou vida nova na emissora. Em 1948 surgiu a Rádio Jornal do Commercio, a maior concorrente da Rádio Clube

⁹ Outros ex-pianistas dos cinemas da fase muda se deram bem, como por exemplo, os compositores e ícones da música carnavalesca pernambucana Nelson Ferreira (que foi diretor artístico da gravadora de discos genuinamente pernambucana Mocambo) e Lourenço da Fonseca Barbosa, o Capiba, que também contribuiu com o movimento Armorial de Ariano Suassuna nos anos 1970.

por muito tempo. Muitos programas das duas emissoras fazem a história do rádio pernambucano.

O ensino de Radiodifusão no Brasil foi estabelecido pelo Ministério da Educação em 1969 com a Resolução nº 11 do então Conselho Federal de Educação. Pioneiramente, em dezembro de 1934, em São Paulo, o professor Vicente de Lima criou a primeira escola de formação de artistas do Rádio. Em 1937 o maestro Breno Rossi, da Rádio São Paulo, fundou uma escola de Rádio que ministrava aulas de canto e técnicas de locução. Em 1981 foi regulamentado o ensino de Radiodifusão ou Radialismo. Em 2006, o Ministério da Educação reuniu comissões de especialistas das diversas habilitações da área de Comunicação para sugerir novas denominações a diversos cursos. Adotada com algumas restrições, Radialismo passou a se chamar Rádio, Televisão e Internet.

Radialismo/Radialista: Visão de Mercado

Ser jornalista, hoje, requer de seu titular qualidades de antropólogo, sociólogo, psicólogo, humanista, político, jurista, linguista. Ser jornalista de rádio exige ainda conhecimento teórico e prático de princípios, métodos e técnicas da física, da acústica, da eletrônica, da música, da oratória, da dramaturgia - enfim de uma série de ciências e artes das quais depende a eficácia da difusão pelas ondas hertzianas (LIMA, 1970, p. 77).

Chama atenção, igualmente, a contemporaneidade da preocupação exemplar de Zita de Andrade Lima no que tange à formação do profissional radialista. Formação esta que implicaria três pré-requisitos – o pensamento complexo, a capacitação técnica e a performance comunicativa. Constituindo o primeiro paradigma central, ou pelo menos, ponto de convergência entre os demais que representariam, em síntese, tendências do mercado, nas últimas cinco décadas.

Ressalte-se, em primeiro lugar, a aproximação com o pensamento complexo. Ser jornalista de rádio, segundo Lima (1970), exige conhecimento de uma série de ciências e artes, desde a antropologia à dramaturgia. Donde se depreende um profissional com formação generalista, dotado de princípios, métodos e técnicas capazes de responder à eficiência e eficácia exigidas aos sistemas de radiodifusão na contemporaneidade.

Ambição destacada do pensamento complexo reside em cuidar das articulações, raramente, estabelecidas entre os campos disciplinares, reféns por excelência do pensamento simplificador, para não dizer, algozes do conhecimento multidimensional. Assim como Morin (2006), o pensamento de Lima “é animado por uma tensão permanente entre a aspiração a um

saber não fragmentado, não compartimentado, não redutor, e o reconhecimento do inacabado e da incompletude de qualquer conhecimento.”

Em segundo lugar, sobressai o reconhecimento por parte da autora da exigência de uma capacitação técnica. Para Lima (1970), ser jornalista de rádio exige “conhecimento teórico e prático de princípios, métodos e técnicas da física, da acústica, da eletrônica”. Donde se depreende um profissional com formação especializada, dotado de princípios, métodos e técnicas capazes de responder à eficiência e eficácia exigidas aos sistemas de radiodifusão na era da tecnologia digital.

Deriva a formação especializada da racionalização e burocratização da sociedade. A burocracia treinada, conforme Weber (1982), destaca-se frente às outras organizações, em particular, pelo conhecimento profissional especializado que define seu caráter especificamente racional e cuja imprescindibilidade está condicionada pela economia da produção de bens e serviços (onde vai se inserir o mercado de rádio). Para alcançar racionalidade plena, a atividade burocrática exige qualificação profissional elevada, incluindo o aprendizado técnico de um conjunto de regras, conforme Lima (1970), de princípios, métodos e técnicas.

Em terceiro lugar, tende a apontar a autora “ironicamente” uma performance comunicativa (antes já experienciada, ainda que em outros termos, por profissionais como Orson Welles). Ser jornalista de rádio, segundo Lima (1970), exige conhecimento “da música, da oratória, da dramaturgia”. Donde se depreende um profissional com formação artística, dotado de princípios, métodos e técnicas capazes de responder à eficiência e eficácia exigidas aos sistemas de radiodifusão na era da sociedade midiaticizada e do espetáculo.

O rádio popularizou-se, a ponto de constituir um rádio lumpen:

O auge do rádio foi se verificar entre 50 e 70, porque o rádio se torna um rádio de classe média. É o momento em que a classe média predomina. Inclusive, as lideranças políticas [...] eram lideranças de classe média. E esse rádio tem, realmente, um prestígio muito grande. Agora, depois o que acontece? A sociedade transformou-se. Com o modelo brasileiro, a classe média perde a sua hegemonia. Perde a dominação da sociedade e, então, aparecem as periferias. As periferias começam a dominar, inclusive, no plano político. É o que se pode chamar neopopulismo que se apoia exatamente em cima das favelas. A cidade muda o seu perfil. E me parece que o rádio acompanhou isso de uma maneira muito vertiginosa [...] [Este] é o rádio lumpen.” (NOVOS, 1993)

O rádio lumpen, segundo Costa (1994), emerge das periferias “em meio às entranhas do próprio rádio tradicional. Não renega nem se coloca exatamente alternativo, porém

sobressalta e assalta o espaço já existente com a hegemonia do brega, do policialesco, do popular, enfim.” Em Portugal, o rádio lúmpen simbolizaria a prioridade do trivial e do popular. Citando A. Crisell, enfatiza Oliveira (2014) o fato de que as rádios locais, sobretudo abriram espaço aquilo que não interessava à mídia nacional, “ao que seria ‘demasiado trivial, demasiado secundário e muitas vezes insuficientemente visual para aparecer nas televisões regionais; e demasiado efêmero para a imprensa local’”. Acontece, mais ainda, que o modelo do rádio lúmpen culmina na TV lúmpen (dos reality shows). Acontece, finalmente, que o modelo do rádio/TV lúmpen culmina na web lúmpen (dos blogueiros aos selfies).

Rádio e Desenvolvimento Regional

As contribuições da professora Zita de Andrade para os estudos sobre rádio no Brasil, refletem ainda hoje o pioneirismo da autora que ainda na década de 1960, já apontava rumos e tendências para as pesquisas nessa área de comunicação. Pesquisas que estão sendo realizadas na contemporaneidade retomam as preocupações e abordagens encontradas em artigos e publicações relacionadas com características, funções e peculiaridades da mídia radiofônica já apresentadas pela estudiosa desse campo da comunicação em décadas passadas.

Ainda no final dos anos 1960, a professora Zita publicou um artigo emblemático onde defende a importância do rádio para o desenvolvimento regional (LIMA, 1969). Ela produzirá outros trabalhos acadêmicos, de natureza didática e pedagógica, fundamentais para o ensino de rádio no Brasil, mas o texto acima mencionado é muito significativo para evidenciar, marcas, características e possibilidades culturais e educativas de uma mídia profundamente popular e muito identificada com os contextos regionais e locais.

Trata-se de uma contribuição pioneira, onde já eram apresentadas as primeiras noções do rádio enquanto espaço primordial para a divulgação da informação local e valorização das manifestações e vocações econômicas e culturais necessárias para o processo de regionalização e desenvolvimento brasileiro. A autora percebia a regionalização do rádio no Brasil como resultado de uma imposição” do complexo sociocultural do homem brasileiro em fase de transição de uma estrutura tradicional para uma sociedade moderna “ (LIMA, 1969).

Dessa forma, o rádio apresenta as condições favoráveis para uma maior aproximação com o público receptor no tocante ao cotidiano dos habitantes das pequenas localidades, com a valorização dos fatos, acontecimentos e do comumente denominamos com muita ênfase hoje de informação local. ”A nossa audiência gosta de conhecer o locutor, o cantor, o cronista radiofônico; os quais, para ela, ainda são pessoas e não tipos” (LIMA, 1969).

Ela vai observar, ainda, outros relevantes aspectos que vão aproximar o ouvinte dos produtores dos discursos radiofônicos tais como a linguagem, o jeito de dizer, os sotaques regionais. O cotidiano de cada localidade apresentado com simplicidade pelos responsáveis de todo o conteúdo difundido nas regiões brasileiras. Tais características conduzirá a professora Zita a observar que “essa confiança e essa linguagem é que permitem sejam as mensagens do rádio regional merecedoras de uma maior credibilidade, e que possam ser compreendidas na ‘tradução’ especialmente elaborada para o seu ouvinte, e que seria indecifrável se transmitida de longe, de fora, por estranhos.” (LIMA, 1969)

Muitos desses elementos linguísticos, sociais e culturais serão retomados por vários pesquisadores contemporâneos para explicarem a evolução e a transformação da mídia radiofônica no atual contexto da sociedade. Nos anos 1960, ainda não se discutia com a intensidade dos debates realizados hoje, a importância da informação local e do que se denomina hoje de jornalismo de proximidade. Muito menos o impacto da globalização e a necessidade de uma maior valorização do regional para os estudos de comunicação social e tantas outras áreas do conhecimento.

Muitos dos aspectos abordados no emblemático artigo da professora Zita de Andrade, nortearia futuras pesquisas na área da radiodifusão em Programas de Pós-Graduação que seriam implantados em várias regiões brasileiras a exemplo do mestrado em Administração e Comunicação Rural implantado na Universidade Federal Rural de Pernambuco, na década de 1970. Entre as dissertações produzidas pelos alunos do mencionado programa, a relação do rádio com o desenvolvimento regional/local e diversas outras questões culturais/educacionais inspiraram trabalhos acadêmicos das primeiras turmas da ousada e pioneira iniciativa acadêmica liderada pelos professores Roberto Benjamin, Raimundo D’Agnol e Tereza Lúcia Haalliday.

Nesse contexto, o artigo objeto do presente estudo vai lembrar a importância dessas questões para agilizar o processo de desenvolvimento econômico, social e cultural da comunicação para fomentar mudanças necessárias para a superação das desigualdades sociais nas principais regiões do País. Muitas mudanças ocorreram no mundo e no próprio contexto nacional e o compromisso de muitos estudiosos e pesquisadores de todas as nações persiste na busca de modelos econômicos e comunicacionais para uma sociedade melhor.

As concepções sobre a própria função e natureza do rádio, estão acompanhando as transformações da sociedade, conforme revelam as pesquisas que estão sendo realizadas por pesquisadores das principais universidades brasileiras. Levantamento feito pela professora Goretti Maria Sampaio de Freitas, mostra a diversidade temática que vem nortear a

investigação científica no Brasil, na área da radiodifusão. Nesse contexto, os estudos relacionados com rádio e aspectos históricos lideram as temáticas estudadas pelos principais pesquisadores nacionais. Os dados coletados revelam a produção publicada em livros. Outros temas também foram registrados em maior quantidade a exemplo das teorias do rádio e, também, a relação da mídia radiofônica com as inovações tecnológicas. Merecem atenção especial as atividades investigativas que estão sendo desenvolvidas na área das emissoras de natureza comunitária.

Na nossa compreensão, os estudos realizados por Zita de Andrade têm uma relação muito estreita com a radiodifusão comunitária no Brasil. A Lei 9.612 de 19 de fevereiro de 1998 é muito clara no que diz respeito aos compromissos e deveres que devem ser prestados pelos serviços das emissoras comunitárias nas principais regiões brasileiras. Entre esses benefícios, vamos encontrar o estímulo ao lazer, a cultura e o convívio social, a difusão das ideias relacionadas com as tradições e hábitos sociais da comunidade, atividades jornalísticas, entre muitas outras atividades com finalidades fundamentais para o desenvolvimento dos espaços comunitários. Muitas dessas recomendações estão presentes nas reflexões feitas nos anos 1960 no artigo produzido pela professora Zita de Andrade, ao analisar aspectos interativos do rádio e a sua relação com o processo de regionalização, para o desenvolvimento nacional.

A legislação brasileira avançou no que diz respeito ao esforço de legalizar a implantação dessas emissoras em todo o País. Os objetivos propostos para o pleno funcionamento das rádios comunitárias são condizentes com um projeto de uma ferramenta comunicacional voltada para formação cívica e cidadã. No entanto, muito ainda precisa ser feito para que essas rádios cumpram, de forma eficiente, as suas funções sociais, educativas e culturais. Os valores, as identidades culturais, as manifestações e formas diversas de expressão dos segmentos comunitários estão muito distantes dos programas produzidos por esses espaços pertencentes as populações comunitárias. Falta participação desses segmentos para a construção de uma rádio genuinamente comunitária e que deixe transparecer, a plenitudes da vida dos atores sociais que protagonizam o cotidiano de uma infinidade de comunidades espalhadas pelo Brasil afora. As concepções sobre regionalização do rádio e desenvolvimento tão bem sistematizadas por Zita de Andrade em décadas passadas e por tantos outros estudiosos contemporâneos estão sendo ignoradas e desrespeitadas.

A natureza educativa, cultural, social e interativa do rádio desafia os novos tempos da comunicação midiaticizada e dos espaços e cenários das denominadas mídias de convergência marcadas e pautadas por novos valores e inovadoras rotinas de produção que exigem uma

permanente capacitação e formação das novas gerações de profissionais. Os ensinamentos da professora Zita de Andrade ainda apontam caminhos e rumos para um rádio comprometido com o desenvolvimento regional/local e a valorização das identidades culturais das audiências populares localizadas nas mais diversas regiões desse imenso Brasil.

Pesquisas em Rádio: Publicações em Livros

As pesquisas na área do rádio, no âmbito brasileiro, se diversificam através de múltiplos olhares que se complementam na perspectiva de se compreender as potencialidades de um veículo de comunicação que, desde o seu surgimento se consagra como um dos mais importantes meios.

Neste sentido realizamos um mapeamento¹⁰ das produções publicadas em livros tomando como recorte o período de 2000 a 2015. As publicações nestes 15 anos apontam que há uma tendência entre os pesquisadores da área, em traçar diagnósticos que se diversificam em categorias de análise que transcendem as teorias radiofônicas. Seja através dos manuais técnicos, das teorias do rádio, do sistema da radiodifusão comunitária, dos estudos de gênero, das inovações tecnológicas, entre outros, os diálogos se constroem de forma convergente em busca de uma compreensão sobre o papel do rádio na contemporaneidade.

Os estudos mostram que vários pesquisadores estão retomando a preocupação que a professora Zita de Andrade já visualizava sobre a necessidade de, em tempos de globalização repensar a relação do rádio com a proximidade, com a informação local.

Os estudos de caso sobre o funcionamento das rádios comunitárias enquanto investigação empírica apontam diagnósticos que refletem a importância deste meio para o processo da informação local. Para além das ingerências de ordem políticas ainda presentes, as rádios comunitárias se configuram como um importante canal de comunicação. O Jornalismo cidadão já defendido por Zita de Andrade nos idos de 60 se exerce pela participação da comunidade, inclusive com o agendamento de temas. Fato que reflete que o rádio continua firmemente associado à sua capacidade de informar e prestar serviços

O mapeamento aqui apresentando, ainda em andamento, também revela um diagnóstico expressivo de pesquisas que contemplam os aspectos históricos do rádio no contexto nacional, atingindo grande parte das publicações no período estudado. A trajetória que o rádio no Brasil percorreu desde o seu surgimento, demonstra com clareza a eficácia

¹⁰ A pesquisa ainda não foi concluída

deste meio de comunicação como um canal eficaz de cultura e formação social, fatores estes resultantes do empenho e da seriedade dos que atuaram e atuam na radiofonia.

Nos anos de ouro do rádio brasileiro, por exemplo, a programação criativa e diversificada das emissoras ganhou espaço pela notoriedade dos seus profissionais, que faziam com que um “mundo maravilhoso” fosse transmitido pelas ondas da radiodifusão. Com talento, criavam roteiros para programas de auditório, humorísticos e, sobretudo, para as famosas radionovelas. Estes programas necessitavam de um grande número de pessoas para sua realização, o que evidenciava mais a importância dos envolvidos no processo da radiofonia. A construção da memória dos profissionais que atuaram no rádio permite que se adentre nas particularidades e significados pessoais de cada personagem envolvido no processo da comunicação. As lembranças vividas num passado promovem um conjunto de informações detalhadas sobre a atuação desses sujeitos no meio radiofônico priorizando detalhes relevantes pelos depoimentos colhidos.

O desenvolvimento da digitalização dos recursos radiofônicos com as novas tecnologias da comunicação tem igualmente favorecido que pesquisas avancem nesta área, procurando entender as características deste novo rádio permeado por um ambiente heterogêneo com ferramentas interativas.

Com a internet o rádio vem se reconfigurando no ambiente virtual, fortalecendo algumas características e ganhando outras novas. Nesta vertente os estudos se encaminham no sentido de compreender os impactos e as transformações que as NTICs podem causar nas formas de produção e distribuição de conteúdos.

Como ressalta Prado (2006, p. 157) Vários formatos de rádio surgiram como forma de atrair os internauta que se diversificam “desde listas de músicas divididas em gêneros e artistas, passando. pela transmissão de áudio de um rádio do dial comum, até rádios criadas especialmente para a Internet, com programas e locutores.

Recuperar as contribuições que os profissionais do rádio ofereceram em suas trajetórias significa igualmente ressaltar a relevância deste meio para a sociedade brasileira, através de uma programação dinâmica, agora materializada.

Categorias dos livros pesquisados – 194

CATEGORIAS	QUANTITATIVO
	06
Teorias do rádio	27
Rádio e aspectos históricos no contexto nacional	64
Manuais técnicos de rádio	07
Rádio e gênero (feminina)	03
Rádios comunitárias	12
Rádio e política	05
Rádio e esportes	07
Rádio e inovações tecnológicas	17
Outros	46

Quem foi Zita de Andrade Lima

Apontada como pioneira dos estudos sobre o rádio, Maria José Antunes de Andrade Lima, (Zita de Andrade Lima) nasceu em Olinda - PE em 13 de abril de 1924. Em 1944, casou-se, com Luiz Beltrão de Andrade Lima, com quem teve cinco filhos. Fez parte da primeira turma de formandos em Jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco. Em 1964, realizou estudos de especialização na UNESCO, no Ciespal - Equador, tendo publicado relatório na revista *Comunicações & Problemas*. Além de artigos sobre Comunicação, publicou também um livro de crônicas intitulado *Conversa na noite grande*. Acompanhou Luiz Beltrão em sua transferência para Brasília, onde obteve o título de Mestre em Comunicação, com dissertação que originou o livro *Princípios e técnicas do radiojornalismo*, publicado em 1970, quando saiu também do prelo *Radiodifusão hoje*, de Saint-Clair Lopes.

Na capital do país, lecionou disciplinas de Comunicação como professora de radiojornalismo no Centro de Estudos Universitários de Brasília e atuou na área cultural, participando de associações literárias e teatrais. Faleceu em Brasília no dia 27 de outubro de 2004. Desde estudante de Jornalismo na Universidade Católica de Pernambuco, se dedicou ao rádio, tendo exercido o cargo de diretora do Departamento de Notícias da Rádio Universitária, da Universidade Federal de Pernambuco, e produtora da Rádio MEC, do Rio de Janeiro.

REFERÊNCIAS

- COSTA, Antonio Roberto Faustino da. **Rádio lúmpen**: a vez dos sem voz. João Pessoa, 1994. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba
- LIMA, Zita de Andrade. **Princípios e técnicas de radiojornalismo**. Brasília: ICINFORM, 1970.
- MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- NOVOS rumos do rádio. João Pessoa, 22 set. 1993. (Debate promovido pela Associação Paraibana de Imprensa e Sindicato dos Radialistas da Paraíba).
- ORTRIWANO, Gisela S. **A Informação no Rádio**. 5.ed. São Paulo: Summus, 1985.
- OLIVEIRA, Madalena. Ecos e sotaques do local: o insustentável sonho da radiodifusão de proximidade. In: REIS, Ana Isabel; RIBEIRO, Fábio; PORTELA, Pedro (Orgs.). **Das Piratas à Internet: 25 Anos de Rádios Locais**. Braga: CECS/Universidade do Minho, 2014.
- PRADO, Magaly. **Produção de Rádio, um Manual Prático**. São Paulo: Ed. Campus, 2006.
- PIONEIROS e Desbravadores. Série O Rádio no Brasil. Collector's, 1988.
- WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. 5. ed.. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- Observatório da Radiodifusão. Disponível em: www.observatorioradiodifusão.net.br. < acesso em 10 de abril de 2015>
- Radiojornalismo Programa Universidade 93,7. Disponível em: www.oparanasondasradio.ufpa.br/bibliografia.htm.. < acesso em 15 de abril de 2015>
- <http://www.portalintercom.org.br/index.php> < acesso em 04 abril de 2015>
- Portal do Rádio Intercom. Disponível em: [HTTPS://blog.ufba.br/portaldoradio](https://blog.ufba.br/portaldoradio)< acesso em 20 de abril de 2015>
- Das piratas à internet: 25 anos de rádios locais. Braga, Portugal: CECS/Universidade do Minho, 2014. p. 79-95. Disponível em: http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/article/view/2049/1971< Acesso em: 15 mar. 2015.>